

Me chame pelo seu nome

A N D R É A C I M A N

Tradução de
Alessandra Esteche



Copyright © 2007 by André Aciman

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em quaisquer formas ou meios sem a permissão da editora.

Os trechos de *A Divina Comédia* citados nas páginas 41 e 203 são de tradução de Ítalo Eugenio Mauro, Editora 34, 2005.

TÍTULO ORIGINAL

Call Me By Your Name

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

André Marinho

Elisa Menezes

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Lola Vaz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A154m

Aciman, André

Me chame pelo seu nome / André Aciman ; tradução Alessandra Esteche.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.

288 p. ; 21 cm.

Tradução de: Call me by your name

ISBN 978-85-510-0273-5

1. Romance egípcio. I. Esteche, Alessandra. II. Título.

17-45719

CDD: 892.73

CDU: 821.411.21.6(620)-3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Albio,
alma de mi vida*

P A R T E I

Se não depois, quando?

“Até depois!”

As palavras, a voz, a atitude.

Eu nunca tinha ouvido alguém dizer “até depois” para se despedir. Parecia brusco, seco, desdenhoso, pronunciado com a indiferença velada de uma pessoa que talvez não se importe se vai revê-lo ou saber de você novamente.

É a primeira lembrança que tenho dele, e parece que ainda hoje consigo ouvi-lo. *“Até depois!”*

Fecho os olhos, pronuncio as palavras e estou de volta à Itália, tantos anos atrás, descendo a entrada arborizada, observando-o sair do táxi com uma camisa azul esvoaçante, o colarinho bem aberto, óculos escuros, chapéu de palha, muita pele à mostra. De repente ele está apertando minha mão, me entregando sua mochila, tirando a bagagem do porta-malas do táxi, perguntando se meu pai está em casa.

Poderia ter começado bem ali, naquele momento: a camisa, as mangas arregaçadas, os calcanhares escapando das alpargatas desgastadas, ansiosos para tocar o caminho de cascalho quente que levava à nossa casa, cada passo como se já perguntasse: *Para onde fica a praia?*

O hóspede da vez. Mais um chato.

Então, quase sem pensar, e já de costas para o carro, ele acena com a mão livre e solta um *Até depois!* desatento para o outro passageiro, com quem provavelmente dividiu a corrida ao sair da estação. Sem dizer seu nome, sem fazer uma gracinha que suavizasse o incômodo da parada, nada. A despedida típica dele: rápida, ousada e direta — pode escolher o adjetivo, para ele tanto faz.

Pode esperar, pensei, é exatamente assim que ele vai se despedir de nós quando for embora. Com um *Até depois!* abrupto e despreocupado.

Até lá, nós teríamos que suportá-lo durante seis longas semanas.

Fiquei totalmente intimidado. Ele era do tipo inacessível.

Talvez eu fosse gostar dele. Do queixo aos calcanhares. Então, em alguns dias, aprenderia a odiá-lo. O mesmo homem cuja foto no formulário de inscrição havia se destacado meses antes com promessas de afinidade imediata.

Receber hóspedes no verão era o modo como meus pais ajudavam jovens escritores a revisar um manuscrito antes da publicação. Por seis semanas, todo verão, eu tinha que desocupar meu quarto e me mudar para o quarto ao lado no corredor, muito menor, que um dia pertencera ao meu avô. Durante os meses de inverno, quando estávamos na cidade, aquele cômodo temporariamente virava um quartinho de ferramentas, depósito e sótão onde, diziam, meu avô, meu homônimo, ainda rangia os dentes no sono eterno. Os hóspedes de verão não precisavam pagar nada, podiam usufruir de toda a casa e praticamente fazer tudo o que quisessem, desde que passassem por volta de uma hora por dia ajudando meu pai com sua correspondência e papelada em geral. Eles se tor-

navam parte da família e, depois de quinze anos fazendo isso, tínhamos nos acostumado à enxurrada de cartões-postais e presentes que recebíamos não só perto do Natal, mas durante todo o ano, enviados por pessoas leais a nós e que, quando estavam na Europa, saíam de seu caminho o quanto fosse preciso para passar um ou dois dias em B. com a própria família e fazer uma visita nostálgica ao velho alojamento.

Durante as refeições, sempre havia mais dois ou três convidados, às vezes vizinhos ou parentes, às vezes colegas, advogados, médicos, os ricos e famosos que davam uma passada para ver meu pai a caminho de suas casas de veraneio. Às vezes até abríamos a sala de jantar para um ou outro casal de turistas que tinha ouvido falar da antiga *villa* e queria apenas entrar para dar uma olhada. Pessoas que ficavam encantadas quando as convidávamos para comer conosco e lhes pedíamos que nos contassem tudo a seu respeito. Mafalda, avisada em cima da hora, era obrigada a redistribuir a comida. Meu pai, reservado e tímido, amava ter um especialista precoce de qualquer área que mantivesse a conversa fluindo em algumas línguas, enquanto o sol quente de verão, depois de algumas taças de *rosatello*, trazia a inevitável sonolência da tarde. Chamávamos a tarefa de *labuta prandial* — e, depois de um tempo, a maioria dos nossos hóspedes também.

Pode ser que tenha começado logo que ele chegou, durante um daqueles almoços tediosos, quando sentou-se ao meu lado e finalmente percebi que, apesar do leve bronzeado adquirido durante a breve estadia na Sicília no início do verão, as palmas de suas mãos tinham a mesma cor da pele clara e macia da sola de seus pés, de seu pescoço e da parte interna dos antebraços, que praticamente não haviam sido

expostos ao sol. Quase um rosa-claro, a pele reluzente e macia como a barriga de um lagarto. Íntima, pura, intocada, como o rosto corado de um atleta ou a insinuação do alvo-recer em uma noite de tempestade. Dizia coisas sobre ele que eu jamais pensaria em perguntar.

Pode ser que tenha começado durante aquelas horas intermináveis depois do almoço, quando todos ficavam à toa dentro e fora da casa usando roupas de banho, corpos esparramados por toda parte, matando o tempo à espera de que alguém finalmente sugerisse que fôssemos até as pedras dar um mergulho. Parentes, primos, vizinhos, amigos, amigos de amigos, colegas ou qualquer pessoa que aparecesse no portão perguntando se podia usar nossa quadra de tênis — todos eram bem-vindos para relaxar, nadar e comer e, se ficassem tempo suficiente, usar a casa de hóspedes.

Ou talvez tenha começado na praia. Ou na quadra de tênis. Ou durante a primeira caminhada juntos no primeiro dia, quando pediram que eu lhe mostrasse a casa e os arredores e — uma coisa levou à outra — consegui levá-lo para além do antigo portão de ferro fundido e do interminável terreno baldio em direção aos trilhos abandonados que costumavam ligar B. a N.

— Tem alguma estação de trem abandonada por aqui? — perguntou ele, olhando através das árvores sob o sol escaldante, provavelmente tentando fazer a pergunta certa para o filho do proprietário.

— Não, nunca teve estação aqui. O trem simplesmente parava quando as pessoas pediam.

Ele estava curioso a respeito do trem; os trilhos eram muito estreitos. Era um trem de dois vagões com a insígnia real, expliquei. Mas, desde a época em que minha mãe pas-

sava o verão na cidade quando jovem, a estrutura servia de casa para alguns ciganos. Eles haviam levado os dois vagões descarrilhados mais para longe da praia. Ele queria vê-los?

— Depois, talvez.

Uma indiferença cortês, como se tivesse percebido minha preocupação despropositada em agradá-lo e estivesse me dispensando de imediato.

Só que me afetou.

Em vez de ir ver o trem, ele queria abrir uma conta em um dos bancos de B., e depois visitar a tradutora italiana que sua editora na Itália tinha contratado para seu livro.

Decidi levá-lo de bicicleta.

A conversa sobre duas rodas não foi melhor do que a pé. No caminho, paramos para beber alguma coisa. O bar-tabacaria estava totalmente escuro e vazio. O dono limpava o chão com um produto que exalava um forte cheiro de amônia. Saímos o quanto antes. Um melro-preto solitário, empoleirado em um pinheiro mediterrâneo, cantou algumas notas que foram logo abafadas pelo canto das cigarras.

Tomei um bom gole de uma garrafa grande de água mineral, passei a garrafa para ele e depois dei mais um gole. Derramei um pouco de água nas mãos e esfreguei o rosto, passando os dedos molhados no cabelo. A água não estava gelada nem gaseificada o suficiente, deixando uma sensação de sede não saciada.

O que as pessoas fazem por essas bandas?

Nada. Esperam o verão acabar.

O que as pessoas fazem no inverno, então?

Ri da resposta que estava prestes a dar. Ele captou o espírito da coisa e disse:

— Não me diga... Esperam o verão chegar, certo?

Eu gostava quando liam meus pensamentos. Ele se acostumou à labuta prandial mais rápido do que os hóspedes anteriores.

— Na verdade, no inverno fica tudo muito cinza e escuro. A gente vem no Natal. Fora isso, é uma cidade fantasma.

— E o que mais vocês fazem no Natal por aqui além de torrar castanha e beber gemada?

Ele estava fazendo piada. Ofereci o mesmo sorriso de antes. Ele entendeu, não disse nada, nós rimos.

Perguntou o que eu fazia. Eu jogava tênis. Nadava. Saía à noite. Corria. Transcrevia músicas. Lia.

Ele disse que também corria. Logo cedo. Onde as pessoas costumavam correr? No calçadão, principalmente. Eu podia levá-lo até lá, se quisesse.

A resposta me atingiu em cheio, bem quando eu estava começando a gostar dele:

— Depois, talvez.

Eu tinha deixado a leitura por último em minha lista, pensando que, pela atitude deliberada e insolente que vinha demonstrando até o momento, seria a última na dele. Horas depois, ao descobrir que ele tinha acabado de escrever um livro sobre Heráclito e que a “leitura” provavelmente não era algo insignificante em sua vida, percebi que precisava voltar atrás de um jeito inteligente e insinuar que meus reais interesses correspondiam aos dele. O que me inquietou, no entanto, não foi a manobra sofisticada necessária para me redimir. Foi a incômoda desconfiança que senti ao finalmente perceber, tanto ali como na conversa despreocupada perto dos trilhos do trem, que o tempo todo, sem que parecesse, sem nem mesmo admitir, eu já estava tentando — sem sucesso — conquistá-lo.

Quando me ofereci — porque todos os visitantes amavam a ideia — para levá-lo à igreja de São Tiago e subir até o topo do campanário que apelidamos de “de morrer”, eu devia ter pensado antes em uma resposta à altura. Pensei que conseguiria convencê-lo apenas levando-o lá e deixando que assimilasse a vista da cidade, do mar, da eternidade. Só que não. *Depois!*

Mas talvez tenha começado bem mais tarde do que acredito, sem que eu percebesse. Você vê a pessoa, mas não a enxerga de verdade, ela simplesmente está por ali. Ou até enxerga, mas nada bate, nada “chama a atenção” e, antes mesmo que você perceba uma presença ou algo incômodo, as seis semanas que lhe foram oferecidas já passaram e a pessoa já foi embora ou está prestes a ir, e você fica lutando para aceitar algo que, sem que você soubesse, vinha ganhando forma bem debaixo do seu nariz, trazendo consigo todos os sintomas daquilo que só pode ser chamado de *desejo*. Como eu não percebi? Você se pergunta. Sei reconhecer o desejo — desta vez, no entanto, tinha passado completamente despercebido. Eu me saía com meu sorriso misterioso, que fazia o rosto dele se iluminar toda vez que lia meus pensamentos, mas tudo o que eu queria era pele, apenas pele.

Durante o jantar na terceira noite, senti que ele me olhava fixamente enquanto eu falava sobre *As sete últimas palavras do redentor na cruz*, de Haydn, que estava transcrevendo para o violão. Eu tinha dezessete anos e, por ser o mais novo à mesa e ter menos chance de ser ouvido, desenvolvera o hábito de inserir o máximo de informação no mínimo de palavras. Eu falava rápido, o que dava às pessoas a impressão de que estava sempre agitado e atropelando as palavras.

Quando terminei de explicar a transcrição, percebi o olhar penetrante que vinha da minha esquerda. Aquele olhar me deixou entusiasmado e orgulhoso; ele estava claramente interessado... ele gostava de mim. Não seria tão difícil assim, então. Mas quando finalmente virei na direção dele, encontrei um olhar frio, gélido — ao mesmo tempo hostil e vítreo, beirando a crueldade.

Meu mundo caiu. O que eu tinha feito para merecer aquilo? Queria que ele fosse gentil comigo de novo, que risse comigo como fizera dias antes nos trilhos abandonados, ou quando expliquei naquela mesma tarde que B. era a única cidade na Itália onde a *corriera*, a linha de ônibus regional, levava Cristo rapidamente e passava sem parar. Ele riu na hora e reconheceu a referência ao livro de Carlo Levi. Eu gostava de como nossas mentes pareciam caminhar lado a lado, como adivinhávamos de imediato as palavras que o outro queria usar mesmo que desistisse no último instante.

Ele seria um vizinho difícil. Melhor ficar longe, pensei. E pensar que quase me deixei levar pela pele de suas mãos, pelo torso, por seus pés que nunca haviam tocado uma superfície áspera... e por seus olhos, que, quando lançavam aquele outro olhar, mais gentil, eram como o Milagre da Ressurreição. Nunca era possível observá-los por tempo suficiente, mas era preciso insistir para descobrir por que não.

Eu devo ter retribuído com um olhar igualmente perverso.

Durante dois dias, nossas conversas terminaram de forma repentina.

Na longa varanda compartilhada por nossos quartos, indiferença total: só um paliativo oi, bom dia, que clima agradável, palavras breves.

Então, sem explicação, as coisas voltaram ao normal.

Eu queria ir correr de manhã? Não, na verdade não. Bem, vamos nadar então.

Hoje, a dor, a curiosidade, a atração do novo, a promessa de tanto êxtase pairando quase ao alcance das mãos, a falta de jeito perto de pessoas que posso interpretar mal e que não quero perder e cujos passos preciso antecipar o tempo todo, as artimanhas desesperadas que uso com qualquer pessoa que desperta meu desejo e cujo desejo quero despertar, as barreiras que criei entre mim e o mundo e que eram não só uma, mas várias camadas de painéis japoneses, o impulso de embaralhar e desembaralhar o que nunca esteve realmente cifrado — tudo isso teve início no verão em que Oliver veio para nossa casa. Está gravado em cada música que foi sucesso naquele verão, em cada romance que li durante e após sua estadia, em tudo, do cheiro do alecrim em dias quentes ao canto frenético das cigarras à tarde — cheiros e sons com os quais cresci e convivi durante todos os verões anteriores àquele, mas que de repente se transformaram e adquiriram nuances diferentes, para sempre coloridos pelos acontecimentos daquele verão.

Ou talvez tenha começado ao fim da primeira semana, quando vibrei ao perceber que ele ainda lembrava quem eu era, que não estava me ignorando e que, portanto, eu podia me dar ao luxo de passar por ele a caminho do jardim sem precisar fingir que não o tinha visto. Corremos cedinho na primeira manhã — fomos até a ponta de B. e voltamos. Na manhã seguinte, nadamos. Então, no outro dia, corremos de novo. Eu gostava de passar correndo pela van que entregava o leite quando ainda faltava muito para terminarem as entregas, ou pela mercearia e pela padaria quando ainda

estavam abrindo, gostava de correr na areia, perto do mar, ou no calçadão quando ainda não havia ninguém na rua e nossa casa parecia uma miragem distante. Gostava quando nossas passadas ficavam sincronizadas, pé esquerdo com pé esquerdo, e tocavam o chão ao mesmo tempo, deixando pegadas na areia para as quais eu queria voltar e, em segredo, colocar meu pé onde o dele tinha deixado sua marca.

Essa alternância entre corrida e natação era a “rotina” dele durante a pós-graduação. Ele corria no Sabá? Perguntei, brincando. Ele sempre se exercitava, mesmo quando ficava doente; faria exercício na cama, se fosse preciso. Mesmo quando dormia com alguém, contou, saía para correr na manhã seguinte. A única vez que não fez nada foi quando precisou passar por uma cirurgia. Quando perguntei o motivo, a resposta que prometi a mim mesmo nunca incitar me acertou em cheio e com um sorriso malicioso.

— Depois.

Talvez ele estivesse sem fôlego e não quisesse falar muito ou simplesmente quisesse se concentrar no nado e na corrida. Ou talvez fosse seu jeito de me estimular a fazer o mesmo... totalmente inofensivo.

Mas havia algo ao mesmo tempo frio e desconcertante na distância repentina que se instalava entre nós nos momentos mais inesperados. Era quase como se ele estivesse fazendo de propósito; me dando cada vez mais bola e, de repente, arrancando qualquer sinal de companheirismo.

O olhar ríspido sempre voltava. Um dia, junto à piscina, enquanto eu tocava violão no quintal, naquela que tinha se tornado a “minha mesa”, ele estava deitado na grama, e eu logo reconheci o olhar. Olhava para mim enquanto eu me concentrava no braço do violão e, quando subitamente ergui o

rosto para ver se estava gostando do que eu tocava, lá estava ele: incisivo, cruel, como uma lâmina reluzente recolhida no momento exato em que sua vítima a percebe. Ele deu um sorriso sem graça, como se dissesse: *Agora não adianta esconder.*

Fique longe dele.

Oliver deve ter percebido que aquilo me abalou e, em um esforço para me recompensar, começou a perguntar sobre o violão. Eu estava muito na defensiva para responder com clareza. Por outro lado, perceber que eu procurava sem sucesso por respostas o fez suspeitar de que talvez eu estivesse mais à deriva do que deixava transparecer.

— Não se preocupe em explicar. Só toque mais uma vez.

Mas eu achei que você tinha odiado. Odiou? O que fez você pensar isso? Discutíamos sem parar.

— Você pode só tocar?

— A mesma?

— A mesma.

Levantei e entrei na sala, deixando as portas francesas abertas para que ele pudesse me ouvir tocar a mesma música ao piano. Ele me seguiu até as portas e, apoiado no caixilho de madeira, escutou por um tempo.

— Você mudou. Não é a mesma música. O que você fez?

— Só toquei como Liszt teria tocado se brincasse um pouco com ela.

— Toque mais uma vez, *por favor!*

Eu gostava de como ele fingia ficar irritado. Então comecei a tocar de novo.

— Não acredito que você mudou de novo — disse depois de um tempo.

— Bem, só um pouco. Seria como Busoni tocaria se alterasse a versão de Liszt.

— Você não pode simplesmente tocar Bach como Bach compôs?

— Mas Bach não compôs esta peça para violão. Talvez nem sequer para cravo. Na verdade, nem temos certeza se foi mesmo ele quem a compôs.

— Deixa pra lá.

— Está bem, está bem. Não precisa ficar tão irritado — falei.

Era minha vez de fingir uma submissão contrariada.

— Este é Bach transcrito por mim sem Busoni e sem Liszt. É uma peça que ele compôs ainda muito jovem e que dedicou ao irmão.

Eu sabia exatamente que parte o tinha provocado na primeira ocasião, e cada vez que tocava aquela peça o fazia como se fosse um pequeno presente, porque era mesmo dedicada a ele, um símbolo de algo belo que eu sentia e que não seria tão difícil de perceber, e que me incentivava a incluir uma ampla cadência. Só para ele.

Estávamos — e ele deve ter reconhecido os sinais muito antes de mim — flertando.